

HT-111



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**"BAIRRO MAGUDE," O SURGIMENTO E FIXAÇÃO DOS
QUARTEIRÕES 23-27 DO BAIRRO DE URBANIZAÇÃO(1988-2000)**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a
obtenção do grau de licenciatura em História da Universidade Eduardo Mondlane

ARSÉNIA JOÃO DE DEUS NAIFE

MAPUTO, MARÇO DE 2002

HT-111

**“BAIRRO MAGUDE”, O SURGIMENTO E FIXAÇÃO DOS QUARTEIRÕES
23-27 DO BAIRRO DA URBANIZAÇÃO 1998-2000**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para
obtenção do grau de licenciatura em **História** da Universidade Eduardo Mondlane
Por: **Arsénia João de Deus Naife**

Departamento de História
Faculdade de Letras
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: Dr. Gerhard Julius Liesegang

Maputo, Março de 2002

Júri			Data
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	
<u>Dr. Helder</u>	<u>Gerhard Julius Liesegang</u>	<u>José Augusto Almeida</u>	<u>16/04/02</u>

94 (679)
N155b

F. LETRAS U.E.M.

R. E.	29186
DATA	16/04/2002
AQUIÇÃO	oferta
COTA	HT-111

04

DECLARAÇÃO

“ Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, para obtenção de qualquer grau , e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto a bibliografia e as fontes que utilizei”.

DEDICATÓRIA

Ao meu esposo e filhos, que pacientemente prescindiram da minha atenção ao longo do curso e durante a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar um agradecimento especial ao meu supervisor Professor Doutor Liesegang, pela paciência e pelos conselhos, que me deu ao longo da supervisão. Estendo igualmente os meus sinceros agradecimentos ao Professor Doutor João Paulo, e Professor Doutor Joel das Neves, que acompanharam-me no início deste trabalho.

Gostaria de endereçar os meus agradecimentos a todos que directa ou indirectamente contribuíram para que este trabalho se tornasse uma realidade, especialmente a minha colega dra. Francisca Chambal, aos meus padrinhos, as minhas primas, em especial a Tininha, ao meu irmão Rivelino, ao meu cunhado Gito, que sempre me deram tanta força e me apoiaram em tudo quanto foi necessário para a concretização desta dissertação.

Às estruturas do bairro da Urbanização, ao Sr. Secretário Francisco Sive, ao chefe do quartirão 23 Sr. Cardoso Mabunda, a dona Marília Júlia, Cacilda Vicente, vão os meus sinceros agradecimentos.

Aos meus irmãos e pais, que sempre me encorajaram e apoiaram-me moralmente, nos momentos mais difíceis, devo imensa gratidão .

RESUMO

O presente trabalho tem por título: "Bairro Magude", o surgimento e fixação dos quarteirões 23-27 do bairro de Urbanização (1988-2000). O estudo deste bairro tem como objectivo principal dar bases para a compreensão da história social da guerra em Moçambique, mas sobretudo, muito em particular, deixar uma contribuição escrita sobre a história do surgimento do "bairro Magude".

O trabalho é constituído por quatro capítulos:

No capítulo introdutório, apresentamos os objectivos, a problemática e hipóteses, a metodologia utilizada, definição de alguns conceitos e a revisão bibliográfica.

O segundo capítulo, realça alguns aspectos da guerra e suas consequências. A seguir foca-se o próprio historial da formação do bairro e sua consequente ocupação pelas populações deslocadas.

No terceiro capítulo destacamos aspectos relacionados com a organização e infra-estruturas na comunidade, seu funcionamento e as estratégias de sobrevivências desenvolvidas por estas populações. Onde delineamos algumas destas estratégias como, a prática da agricultura, o pequeno comércio informal e as diferentes redes de solidariedade desenvolvidas nesta comunidade.

E por último no capítulo quatro, apresentamos as considerações finais do nosso trabalho, bem como a bibliografia e os anexos.

ÍNDICE

	Pág
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO -----	1
1. Contextualização do trabalho-----	1
1.1 Hipóteses de trabalho-----	2
1.2 Objectivos gerais-----	3
1.2.1 Objectivos específicos-----	3
1.3 Metodologia-----	4
1.4 Enquadramento teórico: Definição de conceitos-----	6
1.4.1 Deslocados-----	6
1.4.2 Guerra-----	7
1.4.3 Povoamento-----	7
1.5 Revisão Bibliográfica-----	9
CAPÍTULO II: A OCUPAÇÃO DO LOCAL PELAS POPULAÇÕES	
DESLOCADAS -----	11
2.1 Alguns aspectos da guerra e suas consequências-----	11
2.2 O denominado “bairro Magude”-----	12
2.2.1 Sua localização-----	12
2.2.2 A ocupação do espaço pelas populações deslocadas-----	12
2.3 A origem do nome “Magude”-----	20
2.4 O fim da guerra e a questão do retorno das populações as zonas de origem-----	21

	Pág
CAPÍTULO III: A VIDA NO BAIRRO -----	24
3.1 Organização e infra-estruturas na comunidade-----	24
3.1.1 Habitação-----	24
3.1.2 Educação-----	26
3.1.3 Saneamento do meio-----	27
3.2 Estratégias de sobrevivência da população-----	30
3.2.1 A agricultura-----	32
3.2.2 O pequeno comércio informal-----	33
3.2.3 As redes sociais-----	36
CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	37
Referências bibliográficas-----	39
ANEXOS -----	I
Entrevistas -----	I
Guião das entrevistas -----	IV
Tabelas -----	VIII
Fotos -----	XII

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO TRABALHO

A assinatura do Acordo geral de paz em 1992, marcou o fim de uma guerra civil¹ que vinha se arrastando por mais de uma década. Esta guerra teve perdas importantes em quase toda as esferas da sociedade Moçambicana. Para além de ter vitimado milhares de vidas humanas, destruiu infra-estruturas económicas e sociais, tendo obrigado a que grande parte da população abandonasse os seus haveres no campo e se deslocassem para lugares mais seguros.

O presente trabalho, "Bairro Magude", o surgimento e fixação dos quarteirões 23-27 do bairro da Urbanização, retrata a história de fixação de "*deslocados*" na cidade de Maputo, como consequência do conflito armado terminado em 1992 em Moçambique. Foram, sobretudo, as populações das zonas rurais, as maiores vítimas desta corrente migratória forçada, que fugindo das áreas rurais do país, procuraram as cidades e seus arredores em busca de segurança e formas de sobrevivência.

O interesse por este tema surgiu por um lado, após ter ouvido falar da realização dum projecto sobre a história social da guerra no país, durante as actividades de Julho de 1994. Apartir daí, fiquei com a curiosidade de conhecer mais sobre os efeitos da guerra, sobretudo, em relação a situação da população deslocada. Por outro lado, o interesse

¹ Geffray considerou o último conflito armado em Moçambique como uma Guerra civil, como expressão da oposição generalizada dos camponeses, no campo ás políticas da Frelimo. Geffray, Christian. 1991: A causa das armas: Antropológia da guerra contemporânea em Moçambique. Porto: Afrontamento. P.9

aumentou na medida em que notamos a existência de poucas fontes de informação, sobre a génese do surgimento de bairros de comunidades deslocadas.

Assim o presente trabalho não surge apenas como resposta a falta de fontes de informação de natureza social e económica, mas, também, da necessidade que vimos em mostrar, que a comunidade deslocada do *bairro Magude*, apesar de ser incluído no bairro de Urbanização têm a particularidade de ter uma história diferente.

Desenquadrados do seu meio habitual, sofrendo toda a espécie de carências alimentares, sanitárias e económicas, *os deslocados de guerra*, constituem um dos fenómenos mais preocupantes da realidade moçambicana durante e depois da guerra. Deste modo, tentando compreender e dar a conhecer a realidade social recente destas comunidades, formulamos a seguinte pergunta de partida, que serviu de fio condutor da investigação, e resume-se no seguinte:

Em que circunstância surge o povoamento dos quarteirões 23-27 ?

Porque razão estas populações mesmo depois do fim da guerra não retornaram às suas zonas de origem?

1.1 HIPÓTESES DE TRABALHO

Com base nesta pergunta de partida foi possível delinear a problemática central em debate sob a forma de estabelecimento de três hipóteses de trabalho.

Na primeira hipótese considera-se que, provavelmente a razão do não retorno destas populações às zonas de origem pode estar associado, ao facto de, estas populações terem perdido tudo, e não dispor de condições mínimas para reconstruir sua vida no campo, preferindo por isso permanecer na cidade.

A segunda hipótese que pode ser levada em conta, quanto ao não retorno destas populações as zonas de origem, é em relação ao tempo de permanência na cidade, que provavelmente terá contribuído para que estas populações se adaptassem a vida urbana.

A terceira hipótese é a seguinte: o comércio informal provavelmente constituiu um dos elementos de integração desta comunidade na vida urbana, uma vez que ela constitui uma das principais fontes de rendimento da maior parte da população.

1.2 OBJECTIVO GERAL

Este estudo, pretende analisar e dar a conhecer os aspectos fundamentais que estiveram na origem da formação dos bairros 23-27.

1.2.1 OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

São objectivos específicos deste trabalho:

- Destacar alguns aspectos da guerra e suas consequências.
- Identificar o processo de deslocamento da população das zonas de origem ao local de fixação.
- Analisar as razões do não retorno desta população às zonas de origem.
- Procurar as razões que estarão na origem da designação "*Magude*".
- Analisar o efeito que o ambiente urbano teve sobre esta população.
- Identificar as medidas tomadas pelo governo para incentivar o retorno desta comunidade ao ambiente rural, após anos de tentativa de adaptação á vida urbana.
- Fornecer informação e material de investigação.

1.3 METODOLOGIA

Inicialmente este estudo pretendia abarcar as duas zonas de fixação de refugiados. A primeira era na zona localizada no bairro Luís Cabral, no entanto, estas populações por terem sido abrangidas pelo projecto Maputo-Witbank, foram retiradas do local. Assim, o estudo ficou circunscrito apenas a zona do *bairro Magude* localizada entre as avenidas Acordos de Lusaka e de Angola.

A realização deste estudo foi possível, usando a combinação da pesquisa bibliográfica, com a realização do trabalho de campo. Para recolha de dados teóricos recorreu-se á várias bibliotecas, destacando-se as seguintes: Faculdade de Letras da U.E.M, Centro dos Estudos Africanos (CEA), Arquivo Histórico de Moçambique (A.H.M), Arquivo de Património Cultural (ARPAC). Também consultou-se a documentação, da Direcção Nacional de Urbanização e Conselho Municipal da Cidade de Maputo.

Em relação a documentação escrita, sendo o fenómeno *deslocado*, consequência da guerra, também foi consultada documentação sobre a guerra em Moçambique, com objectivo de realçar alguns aspectos da guerra e suas consequências, foram também utilizadas outras fontes escritas como a revista Tempo e jornais. Existindo pouca documentação escrita referindo-se ao tema, o nosso estudo baseou-se na recolha de fontes orais, daí que o presente trabalho não contém muita discussão teórica. Foram feitas entrevistas exploratórias, de carácter geral e pouco estruturadas, com base em um guião apenas contendo tópicos dos assuntos que se pretendia aprofundar.

Estas entrevistas foram feitas com objectivo de recolher dados gerais sobre o *bairro Magude*, nomeadamente dados referentes, ao ano da chegada destas populações ao local de fixação, como chegaram ao local, como foi feita a ocupação do espaço e mais aspectos relacionados com o povoamento do bairro.

Identificamos primeiro os informantes chave² e efectuou-se com os mesmos entrevistas qualitativas de fundo. Seguiu-se uma segunda fase, efectuada através de um plano de amostragem representativa, com cinquenta famílias, tendo sido entrevistados dez em cada quarteirão. Importa referir que em relação a este universo de cinquenta famílias foi aplicado o inquérito por questionário, que foi um instrumento, que permitiu a análise qualitativa. Explorar quantitativamente as opiniões e as expectativas de um grupo relativamente alargado.

É importante referir que, ao longo do nosso trabalho de pesquisa enfrentamos algumas dificuldades: No terreno constatou-se que as pessoas de uma forma geral receiam serem inquiridas, por isso, foi necessário sensibilizar constantemente a população sobre o verdadeiro objectivo do trabalho. Deste modo, o trabalho ficou estruturado da seguinte forma:

O primeiro capítulo introdutório, destaca aspectos metodológicos, define alguns conceitos, e apresenta a revisão bibliográfica.

O segundo capítulo, realça alguns aspectos da guerra e suas consequências, destaca o próprio historial da formação do bairro e sua consequente ocupação pelas populações deslocadas e discute a questão do fundo do retorno destas populações às zonas de origem.

² Representados por dez famílias que fizeram parte do primeiro grupo a chegar no local em 1988

O terceiro capítulo, foca aspectos relacionados com a organização e infra-estruturas na comunidade, seu funcionamento e as estratégias de sobrevivência desenvolvidas por estas populações. Destacando-se três mecanismos adoptados por eles, visando a sua sobrevivência, que são, a prática da agricultura fora da cidade de Maputo, o comércio informal, e as diferentes redes de solidariedade desenvolvidas por esta comunidade.

No quarto e último capítulo, apresentamos as considerações finais do nosso trabalho, bem como a bibliografia e os anexos.

1.4 ENQUADRAMENTO TEÓRICO: DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

Neste ponto iremos analisar os seguintes conceitos:

- Deslocados
- Guerra
- Povoamento .

1.4.1 DESLOCADOS

Prakash Ratilal, (1990) citado por Santos e Silva, (1994: p.30) define *deslocados* como pessoas que foram forçadas a abandonar o seu local normal de residência por razões alheias a sua vontade (neste caso a guerra), encontrando-se num centro de acomodação e, ainda não reconstituíram a sua base de produção.

Estas pessoas perderam os seus meios de produção e o poder de compra de alimentos, necessitando de apoio em ajuda gratuita e de instrumentos de produção que lhes permita num determinado período de tempo, restabelecer a auto-suficiência alimentar ou recriar rendimentos.

Segundo Alice Santos e Silva³, em termos sociológicos, *Deslocados*, deve ser considerado o que não estando no seu habitat normal, se encontra num meio físico e social desconhecido, que o obriga a alterar os padrões de vida habituais e a desenvolver mecanismos de adaptação que lhes possibilitem a sobrevivência.

As duas definições ou caracterizações da condição de “*deslocado*” referem-se a aspectos diferentes. A abordagem de Alice Santos e Silva, parece-nos a mais adequada para o nosso estudo, pois, estamos perante a um meio social desconhecido, e estas famílias tiveram que desenvolver mecanismos de adaptação próprias, para sobreviverem.

1.4.2 GUERRA

Em relação ao conceito guerra, Al. Birou define, guerra, como prova de forças pelas armas entre nações ou entre inimigos de uma mesma nação (guerra civil). Esta definição poderá ser válida para o caso de Moçambique, onde o conflito armado opôs o governo por um lado, e a Renamo por outro⁴.

1.4.3 POVOAMENTO

Povoamento é um conceito demográfico, refere-se à situação da população sobre o território e os processos que o constituem. Segundo Araújo (1997), povoamento é a forma como a população se organiza no espaço e o utiliza. Esta definição implica, segundo o mesmo autor, conceitos de dimensão, de estrutura e de forma de espaço

³ Santos e Silva, Alice. 1994: Estudos exploratórios sobre a comunidade deslocada de guerra do Bairro da Urbanização, na cidade de Maputo. Estudos Moçambicanos nº13.p.80.

⁴ Birou, Al. Dicionário das Ciências Sociais.1973: Lisboa:Publicações Dom Quixote,p.184.

residencial, também pode definir-se como a distribuição e redistribuição da população num determinado espaço⁵.

De acordo com Silva, (1986), é a instalação permanente do homem em zonas ou áreas geográficas determinadas, ocupadas de maneira natural através do tempo ou por objectivos políticos⁶.

Para o caso do bairro em estudo a abordagem de Araújo, (1997) parece nos a mais adequada pois, trata-se de uma redistribuição da população, que foi obrigada a abandonar o seu local de origem devido á guerra para a cidade, estamos perante uma situação de migração campo-cidade.

1.5 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Em relação ao estágio de desenvolvimento referente ao tema, o artigo de Alice Santos e Silva e Yvette Jeichand constituem uma das escassas referências que tivemos acesso, que aborda esta questão de “*deslocados*”.

A obra de Alice Santos e Silva⁷, faz uma caracterização do bairro (localização geográfica, condições de habitação, a situação daquela comunidade em termos de alimentação e saúde). No entanto, salientar que este artigo, por abordar uma perspectiva sociológica dos acontecimentos, não faz uma problematização, não formula hipóteses, limitando-se apenas a descrever os factos constatados na comunidade, e não faz uma análise histórica.

⁵ Araújo, G. M. Manuel.1997: Geografia dos povoamentos. Assentamentos humanos rurais e urbanos. Maputo: Livraria Universitária, U.E.M.

⁶ Silva, B. 1986: Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Varga.

⁷ Santos e Silva,1994:p.88



Outro autor que escreveu algo sobre *deslocados* é Yvette Illas Jeichand, no seu trabalho *Mulheres deslocadas em Maputo, Zambézia e Inhambane*, mostra em que medida a guerra afectou a vida da mulher, no âmbito psíquico, físico, familiar, laboral e cultural⁸. No entanto, recorde-se que a mulher sofreu mais os efeitos desta guerra, porque, muitas vezes depois da perda do marido (por rapto, assassinato etc), a mulher assume sozinha o encargo de sustentar a família.

Em relação a documentação referente a guerra em Moçambique, Gulamo Tajú, diz que, a guerra no sul de Moçambique, terá provavelmente começado em 1981-1982⁹.

Geffray, (1992) antropólogo francês, escreveu sobre a causa da guerra em Moçambique, particularmente na Província de Nampula. A obra aponta como uma das causas desta guerra, o projecto da Frelimo da socialização do campo, política economicamente alheia ao campesinato. Acusa a Frelimo de ignorar ou rejeitar, as diferentes tradições culturais da população rural. Ele considera que, se essa política, não tivesse marginalizado o campesinato, estes provavelmente não se teriam aliado a Renamo no caso Eráti.¹⁰

Bridget O'Laughlin, por sua vez, faz uma análise crítica da obra de Geffray, e constatou que foram as contradições existentes no seio do campesinato, que já se tinham tornado violentas, que proporcionaram a base social para uma guerra civil em Moçambique. Geffray teria generalizado as causas da guerra no distrito de Eráti para o resto do país¹¹.

⁸ Jeichand, I. Y. 1990: *Mulheres deslocadas em Maputo, Zambézia e Inhambane. Projecto mulher em situação difícil.*

⁹ Taju, G. 1988: "Renamo: Os factos que conhecemos". *Cadernos de Historia* 7. Maputo: U.E.M. p.11

¹⁰ Geffray, C. Op. cit. p.9-17.

¹¹ O'Laughlin, B. 1992b: "A base social da guerra em Moçambique. In: *Estudos Moçambicanos* 13: p.79-121.

Roesch afirma que a situação de guerra na província de Gaza, era completamente diferente da de Nampula, portanto, havia uma tendência de inverter a situação do domínio sul para o centro, assim em termos de organização a hierarquia militar da Renamo era constituída por indivíduos da etnia Ndau portanto, obedecia a uma ordem tribal, o qual Roesch designou por *Projecto de política Ndau ou Chauvinismo Ndau*, o que não se teria verificado em Nampula, demonstrando assim, que a tese de Geffray não era válida para todo país¹².

A guerra, segundo Otto Roesch, começou a afectar seriamente a província de Gaza nos finais de 1983 mas, foi em 1987, que esta se intensificou em quase toda província¹³. O que de uma certa forma, justifica o facto de 1988 ser o ano da chegada dos primeiros deslocados na área que mais tarde se designou por *Bairro Magude*.

¹² Roesch, Otto. 1992: "Renamo and the peasantry in southern Mozambique: A view from Gaza province". In Canadian Journal of African Studies. 26(3): p.468.

¹³ Roesch O. Op. cit. p.469.

**CAPÍTULO II: A OCUPAÇÃO DO LOCAL PELAS POPULAÇÕES
DESLOCADAS**
2.1 ALGUNS ASPECTOS SOBRE A GUERRA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

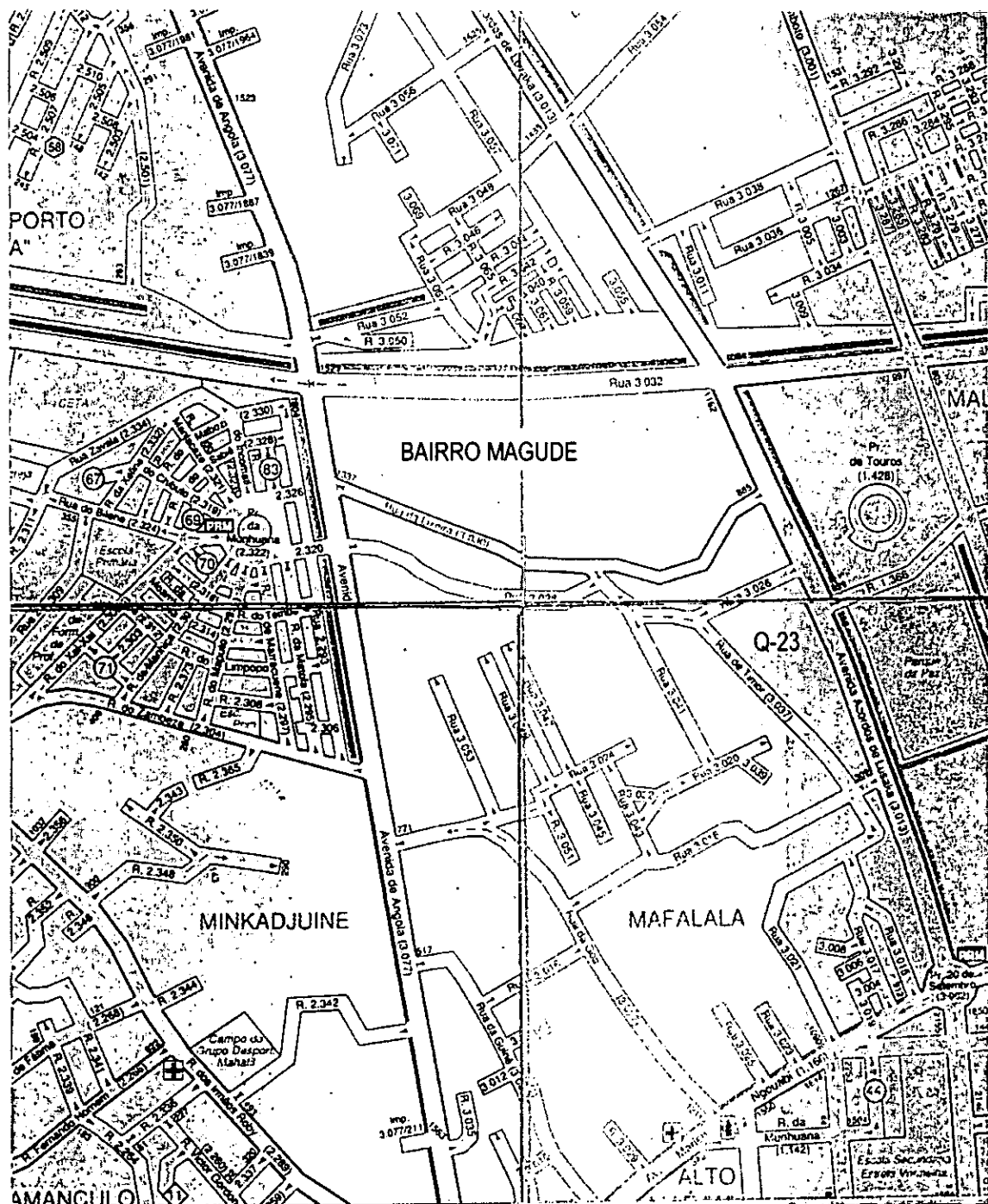
O conflito armado recém terminado, opôs as forças governamentais, por um lado, e a Renamo por outro. Portanto, foi com objectivos de desestabilizar e destruir economia moçambicana, que a Renamo arrastou uma guerra que durou mais de uma década e que teve consequências bastante catastróficas para o povo moçambicano, como se pode depreender.

Segundo Alex Vines, em 1982, a Renamo tinha-se infiltrado em 9 províncias do total das 10 existentes e o nível de destabilização tinha aumentado. Entre 1980-1988 as actividades da Renamo saldaram-se na destruição de 1800 escolas, 720 centros de saúde, 900 estabelecimentos comerciais, e 1300 vagões e machimbobos, estima-se em 10 mil pessoas o número de mortos devido ao conflito e o número da população deslocada, quer interna como externa atingiu aproximadamente 4,3 milhões em 1989¹⁴.

Nos princípios de 1990, aproximadamente 1,9 milhões de Moçambicanos, mais de 10% da população, era refugiada nos países vizinhos. Mais de 4 milhões, quase 25% da população estava dispersa dentro do país, centenas de pessoas caminhavam longas distâncias durante o dia, regressando das guarnições das tropas nas cidades ou noutros lugares seguros¹⁵. Aliado ao fenómeno de destruição feita pela Renamo surge um outro que foi o êxodo rural, segundo a informação da Revista Tempo (1987) entre

¹⁴ Vines, A. 1991: Renamo terrorism in Mozambique. York, London and Indianapolis: Indiana University press. p.16-17.

¹⁵ Hanlon, J. 1996: Paz sem benefício: Como o FMI bloqueia a reconstrução de Moçambique. Maputo: UEM.p.13.



Fonte: Conselho Municipal da Cidade de Maputo. Direcção dos Serviços Urbanos.
Endereçamento da Cidade de Maputo. Guia das vias 1997
1996: Paris: Coperation Française

os perto de 4 milhões e meio de pessoas que sofriam directamente os efeitos da guerra e da fome, a maioria eram mulheres e crianças¹⁶.

Portanto, é dentro desta conjuntura, que as populações rurais, eram obrigados a abandonar as suas casas, deslocando-se para as cidades e arredores a procura de segurança e formas de sobrevivência que o campo não oferecia. Assim, nas cidades e arredores todos os espaços vagos e terrenos baldios, foram deliberadamente ocupados, surgindo assim bairros de população deslocada, como é o caso do "*bairro Magude*".

2.2 O DENOMINADO BAIRRO MAGUDE

2.2.1 LOCALIZAÇÃO

O bairro Magude localiza-se na cidade de Maputo, Distrito Urbano nº3. Oficialmente ele faz parte do bairro da Urbanização (vide mapa). Este está localizado entre as avenidas de Angola e Acordos de Lusaka, é limitado ao norte pela via rápida ou Avenida Joaquim Chissano, a sul, pelo bairro da Mafalala, a este pelo bairro da Malhangalene e a oeste pelo bairro Munhuana.

2.2.2 A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PELAS POPULAÇÕES DESLOCADAS

A área onde se situa o "*bairro Magude*", fora outrora uma lixeira. Segundo o depoimento de Guimarães Bila, esta funcionou desde 1960 até 1975, ano em que a mesma foi encerrada. Depois do seu encerramento, ela foi utilizada por uma empresa de venda de sucata, (vide foto 1), que esteve sob a gestão de um indivíduo de

¹⁶ Revista Tempo de 5 de Abril de 1987, p.28.

nacionalidade belga, que mais tarde vendeu-a para o Sr. Silva Ramos¹⁷, actual proprietário da pequena parcela que sobrou da sucateira.

Praticamente, toda a lixeira, havia sido transformada em depósito de todo o tipo de ferro velho, e também havia se transformado em abrigo de marginais, como conta Cacilda Vicente¹⁸

O agravamento da situação de guerra no campo, provocou o exôdo rural nas cidades. É dentro do contexto do agravamento da situação de guerra em 1987, que em 1988, chegaram á zona da lixeira os primeiros ocupantes, que eram quase todos provenientes do distrito de Magude, nomeadamente as famílias Machava, Simango, Cossa, Zimba, Chaúque etc,. Chegaram sem nada na sua maioria, pois não houve tempo para levar nada. Cada família, segundo o relato de Pedro Muthiana Cossa, preocupou-se em congregar, na medida do possível o seu agregado para a fuga. Em Magude essas famílias possuíam machambas e muitas cabeças de gado, mas haviam perdido tudo. Além de terem perdido todos os seus haveres, também alguns perderam os seus familiares, como afirma Lídia Manguê:

*...”perdi a minha mãe, meu pai e meu filho e eu consegui fugir para casa da minha irmã em Xipamanine...”*¹⁹

Segundo conta Alice Machava²⁰, quando chegaram instalaram-se por alguns dias na oficina de um individuo no bairro da Mafalala, até que o Senhor Pedro Muthiana Cossa decidiu ir erguer uma palhota no meio da sucata tendo as restantes famílias seguido o exemplo, afastando pouco e pouco o ferro velho que alí havia. No entanto,

¹⁷ Entrevista com Silva Ramos Maputo de 10. 8. 2000

¹⁸ Entrevista com Cacilda Vicente Manhiça, bairro Magude de 28. 6. 2000.

¹⁹ Entrevista com Lídia Manguê, bairro Magude de 6. 7. 2000

²⁰ Entrevista com Alice Machava, bairro Magude de 26. 6. 2000

quando as autoridades competentes tomaram conhecimento da invasão do local pelos deslocados de guerra, foi enviada uma ordem de retirada e as primeiras palhotas foram destruídas .

No nosso entender, a reacção das autoridades do distrito, sugere uma atitude intransigente e senão mesmo falta de sensibilidade, tendo em conta de que se vivia uma situação de guerra, todavia é preciso ter em conta que era necessário disciplinar o processo.

No entanto, apesar da atitude tomada pelas autoridades do bairro de Urbanização, estas famílias que fugiam aos horrores da guerra não tinham para onde ir, desobedecendo as autoridades permaneceram no local e continuaram a construir as suas palhotas. As semanas que se seguiram, foram de autêntica batalha entre as autoridades do bairro da Urbanização e as famílias de deslocados, que a revelia das autoridades do bairro continuavam a construir, como afirma Penina Chaúque:

"...começamos a construir as casas a noite, e durante o dia não fazíamos nada, porque as estruturas do bairro estavam lá para impedir, também cozinhávamos a noite..."²¹.

O número de casas ia aumentando a cada dia, perante esta situação as autoridades do bairro de Urbanização, transferiram este problema as autoridades do Distrito Urbano nº3, o que na nossa opinião, sugere que as autoridades perderam o controle da situação, daí remeterem o problema para as autoridades superiores. Segundo o depoimento de Alcinda Pascoal, as autoridades do distrito reuniram-se com as populações deslocadas e propuseram dar-lhes um lugar melhor no bairro Zimpeto, mas esta proposta foi imediatamente rejeitada por estas famílias, porque o bairro Zimpeto

²¹ Entrevista com Penina Chaúque, bairro Magude de 24. 7. 2000

neste período de 1988, também era alvo das investidas da Renamo e as populações dessa zona, também, se deslocavam para a cidade no fim da tarde a procura de abrigo. Isto sugere que as autoridades do distrito não tinham conhecimento da real situação de guerra que se vivia nos arredores da cidade ou faziam de contas que não conheciam a situação daquele local, para se livrarem dos deslocados. Isto mostra que as populações tinham melhor informação sobre os lugares mais seguros.

Deste modo, as populações deslocadas continuaram a construir e o número de palhotas foi aumentando, e nesta altura foi nomeada uma comissão da população deslocada formada por Júlia Zimba, Pedro Simango, Pedro Muthiana Cossa e Alice Machava, que foi recebida pelo administrador do distrito João Lucas Chiau. Depois de explicarem a situação em que aquelas populações se encontravam, o administrador autorizou-os a construir as suas casas naquele local, mas a título provisório, porque no fim da guerra deveriam regressar as suas zonas de origem²².

A atitude do administrador ao receber estas famílias, sugere uma tomada de consciência do sofrimento que estas populações estavam entregues.

Assim, começa o afluxo maciço da população deslocada que vivia em casas de familiares, dispensas ou em outras situações bastante precárias, portanto, a área da lixeira, surge como um refúgio para todos os deslocados de várias proveniências e toda a camada da população desprovida de recursos e meios financeiros para a aquisição de uma habitação.

O primeiro local a ser ocupado no bairro Magude, foi o quarteirão 23 e a seguir o quarteirão 24, portanto, nestes dois quarteirões todos os antigos moradores chegaram entre 1988 e 1989, como mostra o quadro 1.

²² Entrevista com Alcinda Pascoal, bairro Magude de 9. 7. 2000

QUADRO 1

Número de Ordem	Nome	Proveniência	Ano de Chegada
1	Alice Machava	Magude	1988
2	Alfredo Bila	Magude	1988
3	João Tchamo	Magude	1988
4	Fernando Ublsse	Magude	1988
5	Lídia Mangué	Magude	1988
6	Penina Chaúque	Magude	1988
7	Amosse Soqulsso	Chamanculo	1988
8	Alcinda Pascoal	Magude	1989
9	Cardoso Mabunda	Chibuto	1989
10	Josefina Mathe	Magude	1989
11	Lúcio António Mate	Chibuto	1989
12	Marília Júlia Mate	Manjacaze	1989
13	Pedro Mudaka	Magude	1989
14	Angêlo da Conceição	Mafalala	1991
15	Argentina Macamo	Magude	1992
16	Rosa Jacinto	Inhambane	1994
17	Celeste Uthui	Chokwé	1996
18	Rosalina Sena	Mafalala	1999
19	Palmira Satumane	Malhangalene	2000
20	Henrique Tomé da Silva	Mafalala	2000

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados colhidos no terreno.

O quadro 1 sugere que de 1988-1989, os ocupantes do bairro eram maioritariamente provenientes do distrito de Magude. Todavia, e através da leitura do mesmo quadro, após o primeiro ano de fixação, verificamos uma miscelânea de proveniências das populações que ocorrem para este local, a ponto de também residentes de outros bairros da Cidade de Maputo (Malhangalene, Maxaquene, Chamanculo etc.) afluiram aquele local, derivado pelas facilidades de acesso à zona.

Esta miscelânea, segundo as nossas fontes deveu-se aos seguintes factores: existência no bairro da Mafalala de famílias “deslocadas”, que numa primeira fase, viviam em quartos alugados, em situações bastante precárias, a julgar pelo depoimento que se segue:

“ Vivia na Mafalala desde 1986, num quarto alugado, e quando vi famílias a irem ocupar a zona da lixeira, eu também fui ao círculo escrever o meu nome e foi-me atribuído um espaço, para construir a minha casa²³ .

Na época chuvosa, a parte baixa da Mafalala, dadas as suas características, têm sofrido inundações, que obriga a que as populações muitas vezes tenham que se retirar, para locais mais seguros. É neste contexto que a zona da antiga lixeira vai constituir uma alternativa para estas famílias vítimas deste fenómeno natural.

Segundo as nossas fontes, algumas famílias que chegaram entre 1994-2000 são famílias que compraram ou alugaram casas de famílias “deslocadas” que regressaram às suas zonas de origem. No nosso entender este grupo constitui uma particularidade, devido ao facto de reunir posses para adquirir a habitação.

Depois da formação do quarteirão 23 e 24, as autoridades do bairro da Urbanização, efectuaram nomeação das estruturas do bairro Magude o que reforça a nossa sugestão de que houve um reconhecimento por parte das autoridades que ficaram sensibilizados com a situação daquela comunidade e prova disso é demonstrada pelo facto de, logo a seguir terem sido criadas as estruturas do bairro na comunidade. Assim, Pedro Muthiana Cossa foi eleito o primeiro chefe do quarteirão, Júlia Zimba como adjunta e Alice Machava como secretária da OMM.

Actualmente o bairro Magude é constituído por 5 quarteirões, nomeadamente, 23, 24, 25, 26, e 27 numa demonstração clara do afluxo das populações para este local, sendo os quarteirões 23 e 24, como já foi dito, os primeiros a serem ocupados pelas populações deslocadas. Paulatinamente, foram surgindo os restantes quarteirões também

²³ Entrevista com Amosse Soquisso, bairro Magude de 28. 7. 2000

constituídos por famílias deslocadas, que já viviam á bastante tempo na cidade de Maputo, em casas de familiares ou em outras condições bastante precárias.

Assim, no “*bairro Magude*”, passamos a ter quatro tipos de população que ocuparam aquele local:

- O primeiro grupo, é constituído por famílias deslocadas de guerra.
- O segundo, constituído é por famílias vítimas de inundações;
- O terceiro, constituído por famílias de baixos recursos financeiros e materias.
- Finalmente, temos o quarto grupo, constituído por famílias que se instalaram naquele local depois da realização das primeiras eleições multipartidárias, em 1994, na sequência da compra de casas de algumas famílias que regressaram ás suas zonas de origem. Este último grupo é composto de famílias que possuem uma situação financeira estável, e que vieram dar um novo impulso de crescimento ao bairro, pois o tipo de habitação destes é feito de material convencional.

Vejamos a seguir, através do quadro 2 os preços que foram surgindo ao longo do tempo.

QUADRO 2

Ano	Valor do Talhão em mt (méticos)
1988	Gratuito
1989	5.000 á 10.000 mt
Finais 1989	20.000 á 50.000 mt
1992	1.000.000 mt
1994	2.000.000 á 3.000.000 mt
1999/2000	15.000.000 á 20.000.000 mt

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados colhidos no terreno.

Em 1988 , a atribuição do terreno na zona da antiga lixeira era gratuita, mas, em 1989, regista-se uma viragem. A aquisição do espaço passou a efectuar-se mediante o pagamento de um certo valor simbólico, como se pode depreender do depoimento de Josefina Mathe:

*"...nos princípios de 1989 pagava-se cinco a dez mil meticais, mas este valor agravou-se em 1990, de vinte a cinquenta mil meticais."*²⁴.

Em 1992 quer nos parecer que o preço do talhão tenha disparado, uma vez que, 1992 marca o fim da guerra e algumas famílias estavam interessadas em regressar as suas zonas de origem, daí que optam por vender os seus talhões como uma forma de adquirir algum dinheiro para fazer face a nova vida que iam enfrentar no campo.

Em 1994 registou-se um agravamento, que nos parece ter sido originado pelo aumento do custo de vida e pela inflação conjugado pelo facto de os interessados serem indivíduos com posses. Durante este período, segundo afirma o nosso entrevistado Cardoso Mabunda, o preço do talhão oscilava entre dois a quatro milhões de meticais²⁵.

De 1999-2000, assistimos a um novo agravamento, que encontra os seus antecedentes, no ano de 1994. Os ocupantes deste período foram criar uma nova dinâmica, no tocante ao tipo de construção, estamos a falar de construção em material convencional, assiste-se ao início da urbanização, factor que despertou interesse, aos demais. É assim que neste período, os preços, segundo as nossas fontes oscilavam entre os quinze a vinte milhões de meticais.

Actualmente, a população do "*bairro Magude*" estima-se em 4.470 mil habitantes, segundo informações que nos foram facultadas pelo secretário do Grupo Dinamizador

²⁴ Entrevista com Josefina Mathe, bairro Magude de 12. 7. 2000

²⁵ Entrevista com Cardoso Mabunda, bairro Magude de 28. 6. 2000

do bairro da Urbanização, referentes ao ano 2001. Ainda dentro da mesma fonte foi possível, apurarmos o número da população por cada quarteirão, dividido por sexo e o número de habitações existentes naquele local²⁶, como mostra o quadro 3

QUADRO 3

Quarteirão	Homens	Mulheres	Total de M + H	Nº habitações
23	345	394	739	116
24	295	311	606	145
25	365	357	722	80
26	585	593	1178	203
27	612	613	1220	197
Total	2202	2.268	4.470	741

Fonte: Dados compilados com base no senso do bairro da Urbanização referentes ao de 2001.

No quadro, torna-se evidente que, existe uma certa tendência da população do bairro, ter um maior número de mulheres, devido as razões que mencionaremos no último ponto do capítulo quatro deste trabalho (vide p.24. nota de rodapé 31). Ainda no contexto da análise do quadro, constatámos que os dois últimos quarteirões (26 e 27), são os mais povoados. Outro aspecto que também mereceu a nossa atenção, foi a existência de algumas casas construídas com material convencional e com dimensões relativamente maiores, o que sugere uma maior urbanização do local.

2.3 A ORIGEM DO NOME MAGUDE

Embora oficialmente o bairro Magude seja parte do bairro da Urbanização, na verdade esta zona ao sul da Drenagem, Via Rápida (Avenida de Chissano desde 2001) desde o início do seu povoamento foi chamado de “*bairro Magude*” e até hoje este nome ainda persiste. Como surgiu então este nome ?

²⁶ Entrevista com Francisco Sive, bairro de Urbanização de 18. 2. 2002

Como já referimos anteriormente, a ocupação do espaço do bairro Magude teve o seu início no quarteirão 23, e as primeiras famílias que aqui chegaram eram quase todas provenientes do distrito de Magude, e foi assim, que os moradores do bairro Mafalala começaram a chamar as populações da zona da lixeira como moradores do “*bairro Magude*”. Actualmente, o bairro é constituído por famílias de diversas proveniências, no entanto, o bairro continua ostentando esse nome e segundo os depoimentos dos nossos entrevistados existem poucas evidências para que, o bairro possa ser chamado de Urbanização, conforme a seguir se refere.

Do total das 60 famílias inquiridas sobre a origem do nome Magude, mais de 90% afirmaram que o local é conhecido em qualquer parte da cidade de Maputo como “*bairro Magude*” e que o facto de esta zona pertencer a Urbanização, deve-se a questões meramente burocráticas, que são tratados todos no círculo deste bairro.

2.4 O FIM DA GUERRA E A QUESTÃO DO RETORNO DAS POPULAÇÕES ÀS ZONAS DE ORIGEM

A Assinatura do Acordo Geral de Paz em 1992, e a realização das eleições multipartidárias em 1994 marcaram o fim do conflito que opunha o governo por um lado e a Renamo por outro. Terminada a guerra, a população deslocada foi exortada a regressar às suas zonas de origem, tendo sido prometido algum apoio para seu o regresso. Mas, ao que nos parece, o prometido apoio não passou de uma simples promessa, pois, segundo os depoimentos dos nossos entrevistados, este apoio nunca chegou a ser concedido a estas famílias.

No entanto, apesar da falta do prometido apoio a estas populações algumas famílias fundadoras do "bairro Magude tais como (família Cossa, Zimba, Mamusse²⁷ e outras) regressaram às suas zonas de origem, usando os seus próprios recursos, tais como, a venda ou aluguel das suas próprias casas, para poderem recomeçar a vida no campo, numa alusão clara do desejo de regressar a zona de origem. Todavia, muitos são aqueles que não regressaram. Quais foram as causas?

Passamos a analisar algumas causas que ditaram o não retorno de algumas famílias às suas zonas de origem. Vários foram os factores que ditaram esta atitude, mas julgamos ser importante destacar as seguintes:

Algumas famílias que não dispoñdo de mínimos recursos financeiros e materiais, preferiram permanecer na Cidade e continuaram aqui as suas vidas, como afirma Pedro Mudaka:

"Não voltei porque não tinha condições para reabilitar a minha casa, que ficou totalmente destruída (...) além disso perdi quase toda a minha família e aqui neste bairro tive que recomeçar a minha vida..."²⁸.

- Existe um outro grupo de famílias, que não acreditavam que a guerra tivesse verdadeiramente terminado. Portanto, estas temiam o reinício da guerra, então preferiam permanecer na cidade, que oferece maior segurança, e o depoimento que se segue sustenta a nossa análise:

"Não pensamos regressar, porque as marcas da guerra ainda estão bastante patentes nas nossas vidas, por outro lado, os discursos dos políticos não nos

²⁷ Lázaro Mamusse, era dono de um grande estaleiro, localizado no quarteirão 23. Em 1992 vende o seu terreno para a Igreja Assembleia de Deus, e em Outubro de 1993, mais 8 famílias venderam os seus terrenos a Igreja, que pretendia construir uma escola Bíblica, (vide foto 2). Os trabalhos da construção da Escola tiveram início em 1994, segundo, afirma o Pastor Matias....., presidente da Escola e foi concluída em 1995. Refere-se que a Escola tem um centro de saúde, que beneficia a população local.

²⁸ Entrevista com Pedro Mudaka, bairro Magude de 30. 6. 2000

*encorajam a regressar, ainda existem muitas contradições que não nos dão segurança....*²⁹

- Outros factores, que contribuíram para o não retorno dessas populações, foi o facto de terem permanecido na cidade por um período bastante considerável, acabando adquirindo hábitos de consumo e trabalho citadinos, tais como, luz eléctrica, água canalizada, a prática do negócio da esquina, que substituiu a vida árdua da machamba, e as crianças que já frequentam a escola na cidade. Todos estes factores, constituíram obstáculos para o regresso desta população, acrescentados até 1994 á incerteza e o medo de recrudescimento de um novo conflito militar que poderia vir do resultado das eleições multipartidárias. A resistência ao retorno às zonas de origem pode também estar ligado ao facto que esta população ficou bastante traumatizada pela guerra, sendo a paz uma situação irreal. Assistimos neste cenário, algumas populações que vão criar certas estratégias de sobrevivência, pois, enquanto a mulher fica no campo, o homem continua na cidade, no seu emprego á procura de meios de sustento para a família, nos primeiros anos, como afirma o nosso entrevistado:

*“A minha família já regressou para a Manhiça, e eu ajudo com o meu ordenado, ela também tem enviado para mim produtos da machambas...”*³⁰

A incerteza do recrudescimento da guerra, a falta de condições materiais e financeiras, a aquisição de novos hábitos de consumo e trabalho citadinos, a facilidade de colocar os filhos na escola, foram alguns factores que contribuíram para que estas populações não regressassem ás suas zonas de origem.

²⁹ Entrevista com Marília Júlia, bairro Magude de 28. 7. 2000

³⁰ Entrevista com João Tchamo, bairro Magude de 15. 7. 2000

CAPÍTULO III: A VIDA NO “BAIRRO”

3.1 ORGANIZAÇÃO E INFRA-ESTRUTURAS NA COMUNIDADE

Neste capítulo, iremos abordar questões ligadas à habitação, educação, saúde e saneamento do meio, bem como as estratégias de sobrevivência desenvolvidas por estas populações para fazer face à nova situação de vida em que se encontravam devido à guerra .

3.1.1 HABITAÇÃO

A habitação é uma das necessidades mais básicas da população. Sendo assim, torna-se necessário abordar este aspecto. Actualmente, é notável, a existência de habitação de todo o tipo, no entanto, são as casas de construção precária (caniço, madeira e zinco), que predominam e estas são ocupadas por famílias deslocadas ou com baixo nível de rendimento. Outro tipo de habitação é constituído por casas do tipo convencional (tijolo e alvenária), ocupadas por famílias de deslocados que têm algum dos seus membros a trabalhar nas minas da África do Sul, ou pertencentes a algumas mulheres que são chefes agregados de família³¹, e se dedicam ao comércio informal na Swazilândia.

Existe também um terceiro grupo, que possui casas de alvenária, água canalizada, electricidade, oficinas, estaleiros etc. Trata-se de um grupo de famílias que se instalaram naquele local a partir de 1994, através da compra de “casas e palhotas” de algumas

³¹ Importa referir que, nesta comunidade encontramos, algumas famílias que são chefiadas por mulheres devido a ausência do elemento masculino, derivado por várias razões, como a morte, durante o conflito armado, enquadramento deste no SMO, ou raptado pela Renamo ou ainda encontrando-se a trabalhar na África do Sul nunca mais retornou a casa.

famílias que optaram por regressar às suas zonas de origem. Portanto este grupo vai dar uma nova dinâmica e um crescimento ao “*bairro*”, através da abertura de estabelecimentos comerciais, barracas e grandes bancas onde vendem produtos da primeira necessidade.

A maior parte das famílias inquiridas (65%) vive em casas de material precário (madeira, zinco e caniço). Quanto à posse das casas a maior parte dos nossos entrevistados vive em casas próprias, seguidos de uma percentagem bastante insignificante (10%) vivendo em casas alugadas. No entanto a maior parte dessas casas alugadas encontram-se em péssimo estado de conservação, devido a natureza do seu material.

Algumas das famílias, são constituídos por agregados bastante numerosos entre 9 a 15 membros, a média nos quarteirões é entre 6 a 8 membros segundo os dados oficiais (quadro 3). Geralmente vivem numa casa de dimensões bastante reduzida (10x10). A família de Justino Chilaúle é um exemplo dos vários casos de famílias numerosas existentes naquela comunidade:

*...”saí de Palmeira em 1990, vim para este lugar por causa da guerra, sou curandeiro e tenho duas mulheres e 15 filhos...”*³²

Segundo os nossos entrevistados, no primeiro ano da sua fixação (1988), receberam algum apoio em material de construção (chapas de zinco), cobertores e alimentos já confeccionados, pelo Conselho Cristão de Moçambique³³.

3.1.2 EDUCAÇÃO

³² Entrevista com Justino Chilaúle, bairro Magude de 27.7.2000

³³ Entrevista com Armando Jossias, bairro Magude de 8. 8. 2000

No que concerne à educação, devido a sua natureza rural muitos componentes dos agregados familiares possuem um nível de escolaridade muito baixo. No entanto depois da sua fixação no meio urbano, surge uma certa preocupação por parte das famílias de mandarem os seus filhos para a escola.

O “*bairro*” tem uma escola primária que lecciona de 1ª a 5ª classes (EP1), (vide foto 3). Esta escola, segundo afirmação do nosso entrevistado Guimarães Bila, foi construída com o apoio do Conselho Cristão de Moçambique e do Fundo do Desenvolvimento da Comunidade presidida pela Srª. Graça Machel. De acordo com a Revista Tempo(1994), a escola entrou em funcionamento em 1992, com apenas duas salas de aulas, do total das cinco que possui actualmente³⁴, o que sugere que houve uma tomada de consciência por parte da população sobre a importância da educação, embora alguns não privilegiassem muito a educação dos seus filhos.

Uma parte das crianças estuda na escola do “*bairro*”, e as restantes estudam nas escolas dos bairros circunvizinhos, como Mafalala, Aeroporto, Maxaquene, Malhangalene e Urbanização.

No entanto constatamos que, muitas dessas crianças com idades compreendidas entre 8 a 13 anos, participavam em algumas actividades desempenhadas pelas mães, tais como tirar água³⁵, cozinhar, vender e mais tarefas. Contudo, as crianças muito cedo abandonam os estudos por acumulação de tarefas domésticos, que no nosso entender é por cumplicidade dos pais, pois, para eles entre ter um filho a estudar e a vender no

³⁴ Entrevista com Guimarães Bila, bairro Magude de 3. 8. 2000

³⁵ A água constitui uma das grandes preocupações nesta comunidade, uma vez que só existe um fontanário no quarteirão 25 e não é suficiente para os cinco quarteirões ali existentes. Assim as famílias para obterem água recorrem a certas famílias (que são em número bastante reduzido) que possuem água canalizada. Ali adquirem o precioso líquido a preço de 1000,00mt a razão de 4 bidons.

mercado é mais vantajoso a última actividade, pois os benefícios são visíveis a curto prazo.

Contudo um outro número permanece na escola, mas o seu rendimento pedagógico é muito fraco. Por isso, é muito frequente encontrarem-se crianças de 13 a 15 anos que frequentam a 1ª e 2ª classe. É assim que estas crianças, ao concluírem o EP1 ou EP2, tem dificuldades de colocação no ensino secundário, devido à sua idade avançada, como indica o depoimento a seguir:

“...tenho 17 anos, de momento não faço nada, porque eu era estudante,mas devido à minha idade,não consegui uma vaga para continuar a estudar na escola secundária e não sei o que fazer da minha vida.”³⁶

Esta situação, faz com que as crianças logo cedo e dediquem aos pequenos negócios da esquina, vender na banca da mãe, vender plásticos no mercado, carregar cestos e outros, para poderem sobreviver e ajudar na subsistência da família.

3.1.3 SAÚDE E SANEAMENTO DO MEIO

Neste ponto iremos abordar aspectos relacionados com as condições de habitação, provisão de latrinas, abastecimento de água, higiene alimentar e saúde da população.

Como já referimos anteriormente, a maioria da população do “*bairro Magude*”, vive em casas de material precário. De acordo com Nhacolo (1988) , o material de construção de uma casa é um factor preponderante para as demais facilidades de saneamento doméstico, tais como a canalização interna da água, instalação de

³⁶ Entrevista com Romeu Ernesto, bairro Magude de 8. 8. 2000

autoclismo, instalação de energia eléctrica, janelas seguras etc. O mesmo autor sustenta que, também contribui para a penetração e circulação do ar, luz solar, poeiras e cheiros dentro da casa.³⁷.

Os principais problemas que encontramos neste bairro relacionados com o saneamento são: o alagamento que ocorre principalmente na época chuvosa, e afecta as ruas, os caminhos e as próprias casas (vide fotos 4 e 5). Aliado a este facto, o tipo de material de construção da habitação contribue para que não haja boas condições de saneamento, uma vez que o caniço apodrece facilmente.

Outro aspecto a considerar sobre o saneamento é o abastecimento de água. A provisão de água potável é uma das necessidades mais críticas em quase todos os países em vias de desenvolvimento, muito em particular para a maior da população dos bairros da cidade de Maputo. A maior parte da população do "*bairro Magude*", não consome água canalizada nas suas residências, servindo-se de torneiras dos vizinhos ou fontanário (a única que existe, localiza-se no quarteirão 25).

Em 1990, segundo os nossos entrevistados, com o crescimento do "*bairro*", que já possuía três quarteirões, as estruturas competentes procederam a instalação de fontanários naquele local, no entanto, esta instalação foi coroado de êxito apenas no quarteirão 25, porque os outros não tinham água. Esta fontanário não era suficiente para suprir as necessidades de um "*bairro*" que estava em crescimento. Como alternativa, a

³⁷ Nhacolo, A. Q. 1998: Uma abordagem sobre os problemas de saneamento e seus efeitos sobre moradores do bairro de Xipamanine. Maputo: Faculdade de Letras/UEM, Tese de Licenciatura.p.50

maior parte da população recorre aos vizinhos mais próximos ou ao bairro da Mafalala, para obtenção daquele líquido, pagando 1000,00mt a razão de 4 bidons de vinte litros³⁸

O facto de poucas famílias possuírem água canalizada em suas casas, reduz as possibilidades de uma higiene domiciliária. Durante a nossa pesquisa constatamos, por exemplo, que os bidons usados para tirar água encontravam-se bastante sujos, colocando em risco a própria saúde destas famílias.

Outra questão ligada ao saneamento é a provisão das latrinas. Neste "*bairro*", a maioria da população não possui latrinas melhoradas³⁹. A maioria das famílias utiliza latrinas tradicionais, cobertas de paus ou pneus e areia, o que têm libertado cheiros nauseabundos provocando a proliferação de moscas. O local também tem sido afectado por mosquitos, devido a existência de concentração de poças de água, dando lugar á doenças como a malária.

Ainda ligado ao saneamento, encontramos a questão do lixo doméstico. O lixo constitui uma das preocupações gerais da cidade de Maputo, e o "*bairro Magude*", não foge a regra. Neste local não vimos nenhum contentor. Algumas famílias enterram o lixo no seu próprio quintal, e outras depositam na lixeira que se localiza perto das bombas de gasolina da MOBIL, entre as avenidas Acordo de Lusaka e Joaquim Chissano (vide foto 6).

Deste modo, a falta de uma habitação melhorada, de água canalizada, provisão de latrinas melhoradas e a proliferação de lixo no local contribui negativamente na saúde da população local.

³⁸ Em 1988 e 1989, as populações do "*bairro Magude*", tiravam a água na Mafalala. A situação veio a melhorar em 1992 com a afluência de certas famílias com possibilidade de colocar água canalizada. Estas prestam serviços aos seus vizinhos.

³⁹ Latrina melhorada Segundo Stefaine(1993), citado por Nhacolo, (1998), consiste em material de cimento e uma laje de cimento que a torna totalmente higiénico. Nhacolo. A. Op. cit. p.53

No entanto, os moradores deste local, tem recorrido ao centro de saúde da Escola Bíblica Assembleia de Deus, Segundo o depoimento de Paulina Chambo:

“O centro tem nos ajudado muito, pese embora o facto de muitas vezes não podermos adquirir todos os medicamentos que nos forem receitados por falta de dinheiro...”⁴⁰

Além deste centro, as populações desta zona têm se deslocado para outros centros como Xipamanine, Polana Caniço, Alto Maé e outros.

3.2 ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA DA POPULAÇÃO

De acordo com Gama (2000), estratégias de sobrevivência são todos mecanismos adoptados por mulheres e homens para resolver problemas socio-económicos (fome, nudez, educação dos filhos etc.) ou seja, refere-se ao esforço que os homens e as mulheres empreendem para conseguirem viver no seu dia a dia⁴¹.

Na altura da fundação do “bairro” operaram-se profundas transformações económicas e sociais, como resultado da implementação do Programa da Reabilitação Económica (PRE) em 1987. Recorde-se que o PRE esteve enquadrado no processo de reajustamento estrutural iniciado em 1984 pelo governo de Moçambique com instituições internacionais, como o FMI e o Banco Mundial, visando salvar a economia da crise em que se encontrava.

⁴⁰ Entrevista com Paulina Chambo, bairro Magude de 1. 8. 2000

⁴¹ Gama, Sónia de Assunção. Relações de género e estratégias de sobrevivência nas comunidades insulares: O caso da Ilha de Moçambique 1975-2000. Maputo: Dissertação em História. UEM, Faculdade de Letras, 2000. p.13.

No entanto, ao invés de melhorar a situação da vida da maioria da população moçambicana, tornou patente as desigualdades sociais e económicas no meio urbano e a consequência imediata, foi o agravamento das condições de vida da população.

A população do "*bairro Magude*", é maioritariamente de origem camponesa, factor que reduz a possibilidade do acesso ao emprego. A falta de qualificações profissionais, decorrente do fraco nível de escolarização, também constitui um dos factores de difícil acesso ao emprego. De salientar também a forte percentagem de mulheres na população original, (de acordo com o quadro 3).

É dentro deste contexto e com objectivo de fazer face às condições económicas precárias que enfrenta no seu dia a dia e garantir a subsistência dos seus membros, que as famílias do "*bairro Magude*"recorrem e accionam diversos mecanismos, visando a sua sobrevivência. Algumas dessas estratégias são a prática da agricultura⁴², o comércio informal e as redes de solidariedade ou redes sociais baseadas no parentesco e na vizinhança.

⁴² Que é praticado em outros distritos como Marracuene, Boane, Matola, Moamba, Matutuine etc.

3.2.1 A AGRICULTURA

As populações do “*bairro Magude*”, apesar de estarem longe do seu meio habitual (campo), vão procurar formas de continuarem ligados a terra, como uma estratégia de sobrevivência, visto que não reunindo qualificações necessárias para concorrer no mercado de emprego, procuram ligar-se novamente á terra.

Segundo os nossos entrevistados, além do pequeno comércio informal, estas famílias possuem machambas noutros distritos como, Boane, Moamba, Marracuene, Michafutene, para onde se deslocam aos fins de semana de manhã, voltando apenas no fim da tarde. Ainda segundo as nossas fontes produzem diversos produtos tais como, milho, amendoim, hortícolas, mandioca e outros com objectivo de complementar e suprir as necessidades da família.

Durante o nosso estudo, encontramos casos de chefes de família, em particular, as mulheres, que mesmo exercendo uma actividade formal, possuem uma pequena machamba fora da cidade, visando a provisão de mais um recurso para a subsistência da família, o depoimento que se segue sustenta a nossa afirmação:

“...Apesar de eu trabalhar no hospital, o salário de servente não chega para suprir as necessidades da minha família. Por isso, todos os fins de semana em que não estou de serviço, desloco-me a Boane para trabalhar na minha machamba...”

Em 1992, com o fim da guerra, encontramos neste “*bairro*”, outro tipo de estratégia usada ainda nesta área da agricultura, onde a esposa e os filhos regressam ao campo, para trabalhar a terra , enviando assim os produtos obtidos para o esposo, que permanece na cidade no seu emprego que por sua vez envia, também no fim do mês

parte do seu salário para a família (como referiu o nosso entrevistado João Tchamo, (citado na p.22).

3.2.2 O PEQUENO COMÉRCIO INFORMAL

Para melhor compreendermos a dinâmica e desenvolvimento deste sector, é necessário analisarmos o conceito, o contexto em que surge e as dinâmicas sociais e económicas neste domínio, em particular no “*bairro*” em estudo.

De acordo com Martinet (1991), citado por Machaieie (1998) a expressão “*sector informal*” foi empregue pela primeira vez num estudo sobre o Gana publicado em 1973, e veio a ser posteriormente adoptada pelo OIT (Organização Internacional de Trabalho)⁴³

A manutenção e persistência actual do sector informal, explica-se pela incapacidade do sector moderno em absorver a mão-de-obra excedentária, nas zonas urbanas, bem como pela existência de actividades produtivas não capitalistas nas cidades dos países em vias de desenvolvimento⁴⁴

O pequeno comércio informal, é também uma das estratégias adoptadas pela maioria da população do denominado bairro Magude, visando a sua sobrevivência. Machaieie (1997), considera o comércio informal como sendo “*uma bóia de salvação para pessoas com baixo nível de vida*”⁴⁵

A população deste “*bairro*”, dedica-se a inúmeras actividades informais, deste o negócio da esquina, da revenda de diversos produtos como, óleo, arroz, feijão,

⁴³ Machaieie, E. 1997: Mulheres no sector informal, esforço e criatividade na luta pela sobrevivência: O caso do mercado Bazuca. Maputo: Faculdade de Letras/UEM, Tese de Licenciatura. P.19

⁴⁴ Martinet, P. Sector informal: Debate e discussão. In: Catherine Coquery Vidrovitch e Serge Ndelec, Modelo informal em questão: p.5.

⁴⁵ Machaieie, op.cit, p.19

caldinhos, fósforo, pão, doces, carvão, sal, açúcar, etc e também dedicam-se ao confeccionamento e venda de bebidas caseiras. Outras famílias erguem pequenas bancas nos seus próprios quintais, (vide foto 7), vendendo também diversos produtos.

A venda de combustível lenhoso, em particular o carvão, constitui outra estratégia de sobrevivência das populações do “*bairro Magude*”. Algumas famílias deslocam-se para a zona de extracção (Changalane, Majuba, Matutuine, Bobole) onde adquirem directamente o carvão ao produtor. Não obstante as dificuldades que têm enfrentado em relação ao transporte do carvão, eles têm conseguido rentabilizar a sua actividade, como afirma a nossa entrevistada:

“...este negócio é muito duro, porque somos obrigados a permanecer no local, durante quatro a cinco dias, chegamos mesmo a levar uma semana por causa de transporte....mas quando conseguimos despachar logo a mercadoria, obtemos algum lucro. Não é muito grande mas dá para guardar algum...”⁴⁶.

Portanto, neste negócio, estamos perante uma situação de grossistas, que compram directamente o carvão ao produtor, a quantia de 30 a 35 mil meticais o saco de 50kg, para revendê-lo ao preço de 100 a 110 mil meticais, aos retalhistas que vendem o mesmo produto aos montinhos, sem muita margem de lucro. Isto sugere que, este pequeno comércio informal (em particular em relação aos retalhistas), muitas vezes não permite uma acumulação de receitas, porque a preocupação é apenas manter o negócio e conseguir o capital para o investimento e a parte dos lucros é para garantir a alimentação da família.

⁴⁶ Entrevista com Júlia Chamusse, bairro Magude de 1. 8. 2000

Outra estratégia adoptada por estas famílias é o xitique ou tontines⁴⁷. De acordo com Loforte (2000), o xitique representa um fenómeno de adaptação á economia monetária e ás necessidades de consumo urbano. No bairro em estudo constatamos que, as mulheres são as que mais aderem a estas práticas informais, alargando deste modo, a sua rede social⁴⁸.

Através desta prática, grupos de amigas, vizinhas ou parentes, acordam entre si, contribuir um certo valor, num período fixado por eles, que pode ser diário, semanal, ou mensal, sendo o total entregue a cada uma delas, num sistema rotativo. Deste modo, encontramos neste "bairro" três modalidades de xitique:

- Xitique diário 5 mil meticaís;
- Xitique semanal 50 mil meticaís;
- Xitique mensal, que era feito entre grupo de amigas que contribuíam, cada uma 1 milhão de meticaís, com o fim de se deslocarem a Swazilândia e adquirir produtos da primeira necessidade e para depois revendê-los nos mercados da cidade ou nos clientes fixos.

⁴⁷ O xitique- é uma prática na qual os individuos envolvidos contribuem uma determinada soma num período por eles determinado, usando esta soma para um fim determinado pelos envolvidos. A recepção do dinheiro obedece um critério rotativo.

⁴⁸ Loforte, A. M, Género e poder entre os tsongas de Moçambique. Maputo: Promédia. 2000, p.134.

3.2.3 REDES SOCIAIS

Outro tipo de estratégia que é estabelecida entre as populações do “*bairro Magude*”, são as redes sociais.

Os indivíduos, assim como os grupos familiares ou agregados, não vivem isoladamente. De acordo com Biza (2000), por necessidades diversas em bens e serviços, precisam de se ligar uns aos outros, como amigos, vizinhos, parentes, crentes da mesma religião, para fazer face ao elevado custo de vida⁴⁹.

Neste “*bairro*”, estas redes expressam –se em laços de solidariedade com base na vizinhança e parentesco. Em relação a vizinhança, é na casa do vizinho, onde se empresta quase tudo, o ralador, a lata de água, um pouco de óleo, o ferro de engomar etc. Em suma, as boas relações entre vizinhos são importantes, uma vez que para as populações deste bairro, assim como de qualquer bairro periférico da cidade de Maputo, o vizinho é mais do que um familiar, em particular para estas populações que se encontram longe das sua zonas de origem.

Também desenvolvem-se nesta zona relações de parentesco, em que indivíduos da mesma zona, juntam-se e estabelecem entre si, relações mais estreitas, no que diz respeito aos usos e costumes, cerimónias tradicionais, etc.

⁴⁹ Biza, A. M. 2000: Características sociais das mulheres chefes de agregados das famílias e sua estratégia de sobrevivência no contexto peri-urbano. O caso de Luís Cabral. Maputo: UFICS/UEM. Dissertação. P15

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento e fixação dos quarteirões 23-27 do bairro da Urbanização, teve lugar em 1988, quando um grupo de famílias provenientes do distrito de Magude, fugindo á guerra, que se fazia sentir com muita intensidade no sul de Moçambique, encontraram na zona da antiga lixeira, um o lugar seguro para as suas famílias. A designação “*Magude*”, deveu-se ao facto de, os primeiros ocupantes daquela zona serem maioritariamente provenientes do distrito de Magude.

Em relação a ocupação do local da antiga lixeira pelas populações “*deslocadas*” constatamos quatro grupos de população que ocuparam aquele local: O primeiro grupo era constituído por famílias deslocadas pela guerra; o segundo por famílias deslocadas por inundações nos seus bairros; o terceiro por famílias de baixos recursos financeiros e materiais; e finalmente, o quarto, constituído por famílias que se instalaram naquele local depois da realização das eleições multipartidárias, em 1994, na sequência da compra de casas de algumas famílias que regressaram ás suas zonas de origem. Este último grupo veio dar um novo impulso de crescimento e a conseqüente urbanização do “*bairro*”.

Verificamos, também, que a partir de 1994, o bairro passa a ser procurado por outro tipo de população, verificando-se nesta fase maior procura de casas nesta zona, o que significou numa subida de preço das casas, de dois milhões de meticais em 1994 a vinte milhões de meticais, em 2000.

Entre as causas que ditaram o não retorno das populações ás suas zonas de origem, destacam-se a incerteza do recrudescimento da guerra, a falta de condições materiais e

financeiras para recomeçarem suas vidas no campo, a aquisição de novos hábitos de consumo e trabalho citadinos, a facilidade de colocar os filhos na escola.

O saneamento do meio constituiu um dos problemas, neste "*bairro*", derivado do facto de a habitação ser do tipo precário. A falta de água canalizada e de provisão de latrinas melhoradas, águas estagnadas dentro e fora do "*bairro*", não criam condições favoráveis de saneamento no local, favorecendo deste modo a propagação de várias doenças, em particular a malária.

Para fazer face às difíceis condições de vida, que esta população encontrou no meio urbano, as famílias do "*bairro Magude*", vão accionar diversos mecanismos, visando a sua sobrevivência. Entre estes destacamos: a prática da agricultura fora da cidade de Maputo, a prática do comércio informal, que consistiu na venda de produtos da primeira necessidade (arroz, óleo, açúcar, caldinhos, sal, etc;), a venda de combustível lenhoso, em particular o carvão, a prática do xitique ou tontines, que representa um fenómeno de adaptação à economia monetária e falta de capital para o comércio.

Também constatamos que entre a comunidade, constroem-se redes de solidariedade muito fortes em volta do parentesco e vizinhança e muito em particular em torno da vizinhança. Foi interessante verificar como é que essas relações se expressam na comunidade. Um dos exemplos manifesta-se em relação à água. Os poucos moradores que possuem água canalizada prestam serviços aos que não a possuem. É dentro deste contexto que encontramos as famílias a adquirirem este precioso líquido no valor de 1000,00mt a razão de 4 bidons de 20 litros. Portanto, trata-se de um tipo de solidariedade que tem caracterizado a maior parte das famílias da cidade de Maputo.

IV. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

MONOGRAFIAS E ARTIGOS CONSULTADOS

ABRAHAMSSON, H. e NILSSON, A. 1994: Moçambique em Transição. Um estudo de história de desenvolvimento durante o período 1974-1992. Maputo: CEEI-ISRI.

ARAÚJO, G. M. 1997: Geografia dos povoamentos. Assentamentos humanos rurais e urbanos. Maputo: UEM, Livraria Universitária.

BARTOUXAS, M. e VIEGAS, J. 1988: Dicionário de Geografia. Lisboa: Edições Sílabo

BIROU, A. 1973: Dicionário das Ciências Sociais. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Conselho Municipal da Cidade de Maputo. Direcção dos Serviços Urbanos. Endereçamento da Cidade de Maputo. Guia das vias 1997. 1996: Paris: Cooperation Française.

GEFFRAY, C. 1991: A causa das armas: Antropologia da guerra contemporânea em Moçambique. Porto: Afrontamento.

GEFFRAY, C. e MOGENS P. 1986: " Sobre a guerra na província de Nampula: Elementos de análise e hipóteses sobre as determinações e consequências sócio-económicas locais. Revista Internacional de Estudos Africanos 4/5: p.303-321.

GIL, A. C. 1994: Como elaborar projectos de pesquisa. São Paulo: Editora Atlas.

HANLON, J. 1986. Beggar your neighbours: Apartheid power in South Africa. London: CIIR.

HANLON, J. 1996: Paz sem benefício: Como o FMI bloqueia a reconstrução de Moçambique. Maputo: UEM.

JEICHAND, Y. 1990: " Mulheres deslocadas em Maputo, Zambézia, e Inhambane": Projecto mulher em situação difícil.

LOFORTE, A. M. 2000: Género e o poder entre os tsongas de Moçambique. Maputo: Promédia.

MARTINET, P. 1991: " Secteur Informel: Debats et Discussions de autour d'un concepte". In: Catherine Coquery-Vidrovitch e Serge Ndelec (eds.) Tiers-Monde: L'informel'in en questions. Paris: Harmattan. P.31-54.

MINTER, W. 1994: Apartheid's contras: An inquiry into the roots of war in Angola and Mozambique. London, New Jersey: Zed books.

O'LAUGHLIN, B. 1992b: " A base social da Guerra em Moçambique". In: Estudos Moçambicanos 13: p.79-121.

ROESCH, O. 1992: " Renamo and Peasantry in Southern Mozambique. A view from Gaza province. Canadian Journal of African studies 26 (3): p.462-484.

REVISTA TEMPO, 10 de Julho de 1988

REVISTA TEMPO, 25 de Junho de 1989

REVISTA TEMPO, 31 de Julho de 1994

SANTOS e SILVA, A. 1994: " Estudos exploratórios sobre a comunidade "deslocada" de guerra do bairro de Urbanização na cidade de Maputo. In: Estudos Moçambicanos (13). Maputo: Centro de Estudos Africanos, p.79-121.

TAJÚ, G. 1988: " Renamo os factos que conhecemos". Cadernos de História 7. Maputo: UEM.

VINES, A. 1991: Renamo: Terrorism in Mozambique York. London and Indianapolis: Indiana University press.

TESES

Biza, A. M. 2000: Características sociais das mulheres chefes de agregados familiares e suas estratégias de sobrevivência no contexto peri-urbano. O caso de Luís Cabral. Maputo: UFCS/UEM. Tese de Licenciatura em Ciências Sociais.

GAMA, S. A. 2001: Relações de género e estratégias de sobrevivência nas comunidades insulares: O caso da Ilha de Moçambique. Maputo: Faculdade de Letras UEM, Tese de Licenciatura em História.

MACHAIEIE, E. 1997: Mulher no sector informal, esforço e criatividade na luta pela sobrevivência: O caso do mercado Bazuca. Maputo: Faculdade de Letras, UEM, Tese de Licenciatura em História.

NHACOLO, , A. Q. 1999: Uma abordagem sobre os problemas de saneamento e seus efeitos sobre moradores do bairro de Xipamanine. Maputo: Faculdade de Letras, UEM, Tese de Licenciatura em Geografia.

ENTREVISTAS

NOME	DATA	LOCAL
AMÉRICO, Jaquelina	1/08/2000	Bairro Magude
ANTÓNIO, Armando	3/08/2000	Bairro Magude
ARCANJO, Judite	9/08/2000	Bairro Magude
ARMANDO, Leonor	3/08/2000	Bairro Magude
BACA, Glória	3/08/2000	Bairro Magude
BATA, Alfredo	10/08/2000	Bairro Magude
BILA, Guimarães	9/07/2000	Bairro Magude
CHAMBO, Paulina	1/08/2000	Bairro Magude
CHAMUSSE, Júlio	1/08/2000	Bairro Magude
CHAUQUE, Penina	24/07/2000	Bairro Magude
CHILAULE, Justino	27/07/2000	Bairro Magude
COSSA, Sara Ernesto	8/08/2000	Bairro Magude
DANIEL, Celeste	8/08/2000	Bairro Magude
ERNESTO, Romeu	8/08/2000	Bairro Magude
EUGÉNIA, Madalena	3/08/2000	Bairro Magude
FRANCISCO, Regina	9/08/2000	Bairro Magude
GOMANE, Ernesto	8/0/8/2000	Bairro Magude
JACINTO, Rosa	24/07/2000	Bairro Magude
JAZE, Julieta	27/07/2000	Bairro Magude

JONA, Dermilda	27/07/2000	Bairro Magude
JOSÉ, Maria	8/08/2000	Bairro Magude
JOSÉ, Pedro	3/08/2000	Bairro Magude
JOSSIAS, Armando	8/08/2000	Bairro Magude
LOURENÇO, Julieta	3/08/2000	Bairro Magude
MABUNDA Cardoso Filipe	28/06/2000	Bairro Magude
MACAMO, David Jorge	1/08/2000	Bairro Magude
MACHAVA, Alice	26/06/2000	Bairro Magude
MAGAIA, Alfredo	12/08/2000	Bairro Magude
MANGUE, Lídia	6/07/2000	Bairro Magude
MANHIÇA, Cacilda Vicente	28/06/2000	Bairro Magude
MARIA, Lúcia	9/08/2000	Bairro Magude
MARRENGULA, António	27/07/2000	Bairro Magude
MATE, Marília Júlia	30/06/2000	Bairro Magude
MATHE, Josefina	12/07/2000	Bairro Magude
MATUSSE, Fernanda	24/07/2000	Bairro Magude
MINGA, Maria	8/08/2000	Bairro Magude
MONDLANE, Ana	8/08/2000	Bairro Magude
MONDLANE, Franco José	27/07/2000	Bairro Magude
MUDAKA, Pedro	28/07/2000	Bairro Magude
NOVELA, Jorje	3/08/2000	Bairro Magude
PASCOAL, Alcinda	9/07/2000	Bairro Magude
RAMOS, Silva	10/08/2000	Bairro Chamanculo

RAZÃO, Elias	9/08/2000	Bairro Magude
ROSÁRIA, Rita	1/08/2000	Bairro Magude
SAIBE, Angêlo Conceição	27/07/2000	Bairro Magude
SATUMANE, Paulino	28/07/2000	Bairro Magude
SENA, Rosalina	24/07/2000	Bairro Magude
SILVA, Henrique Tomé	27/07/2000	Bairro Magude
SIVE, Francisco	19/02/2002	Bairro Magude
SOQUISSO, Amosse	28/07/2000	Bairro Magude
TAFULA, Argentina	28/07/2000	Bairro Magude
TCHAMO, João	5/07/2000	Bairro Magude
TIMANE, Eduardo	1/08/2000	Bairro Magude
TINGA, Raimundo	3/08/2000	Bairro Magude
UBISSE, Armando	8/08/2000	Bairro Magude
USSENE, Fátima	8/08/2000	Bairro Magude
UTHUI, Celeste	28/07/2000	Bairro Magude
VICENTE, Adélia	3/08/2000	Bairro Magude
ZEFANIAS, Bento	3/08/2000	Bairro Magude

GUIÃO DAS ENTREVISTAS

1. LOCALIZAÇÃO DA ENTREVISTA:

Provincia de -----; distrito de -----

Inquérito nº----- data da realização ---/---/----- local da entrevista.

2. DADOS DO ENTREVISTADO

Nome do inquirido-----

Idade-----anos; sexo-----; naturalidade-----

Estado civil-----; Nº de esposas----- Nº agregado familiar-----

Nº de filhos ----- Habilitações literárias-----

Profissão ou ocupação----- Residência antes da guerra-----

É chefe do agregado familiar ? sim () não (), Quem é o chefe ?-----

A vida antes da guerra

1. Onde viviam quando a guerra começou ?
2. O que fazia antes da guerra ?
3. Quando saiu da sua zona de origem?
4. Como saiu ?

No Local de fixação

1. Quando e como chegou ao local de fixação ?
2. Quem os recebeu ?
3. Como conseguiu instalar-se neste local ?
4. Como surge o nome Magude ?
5. Quando chegaram neste local receberam algum apoio ?
6. Receberam o apoio de quem ?
7. O que faz para poder viver ?

Fim da guerra

1. Porquê não regressou a sua zona de origem?
2. Receberam algum apoio do governo para regressarem ?
3. Como sustenta a sua família ?

INQUÉRITO SOBRE O "BAIRRO" MAGUDE

I. LOCALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

II. 1. DADOS DO INQUÉRITO

Nome: _____

Idade _____ anos ; sexo _____ ; naturalidade _____ ; estado civil _____

Nº de esposas _____ ; Nº de agregado familiar _____ ; N de filhos: masc _____ fem _____

Idade: 0-14 ; _____ 15-35 _____ ; 36 ou mais _____ ; habilitações literárias _____

Profissão ou ocupação _____ ; local de trabalho _____

Residência antes da guerra _____

Tipo de habitação _____

Nº de pessoas que frequentam: _____

NIVEL		Nº de Homens	Nº de Mulheres
Ensino primário	()	()	()
Ensino básico	()	()	()
Ensino secundário	()	()	()
Ensino universitário	()	()	()
Ensino técnico	()	()	()
Curso superior	()	()	()

2. É chefe de família ? A. sim () ; B. não ()

III. ANTECEDENTES

1. Ha quanto tempo vivia no local onde foi afectado pela guerra ? _____

1.1 Qual era a sua ocupação ou actividade naquele local? _____

2. Que tipo de rituais estão associados as actividades socio-económicas praticadas na região, como a agricultura, por exemplo ?

a) Cerimónia de pedido de chuva () ; b) Cerimónias de expulsão de pragas () ; c) Cerimónias de protecção de sementes () ; d) Cerimónias de protecção de gado () ; outras Cerimónias; () _____

3. Que instituições politico-religiosas intervinham nestes rituais ?

a) Chefes tradicionais () ; b) Grupos dinamizadores () ; c) Chefes religiosos () ; d) Médicos tradicionais () ; e) Chefes de família () ; Outros () .

IV. OCUPAÇÃO DO "BAIRRO" PELAS POPULAÇÕES

1. Ano de chegada no "bairro" _____ ; veio directamente para o local ?



A. Sim() ; B. Não (), se não, onde é que esteve hospedado antes ? _____

Tempo de permanência _____ Razões da retirada ? _____
Como adquiriu o espaço? _____

Que dificuldades enfrentaram na fixação ? _____

Que tipo de apoio receberam? _____

Que motivos é que levaram a se instalarem neste local _____

2. Actividade profissional /ocupação

Dos filhos _____ dos outros
parentes _____

A origem do nome _____

O "bairro" possui : a) escola? () ; b) água canalizada? () ; c) eletricidade? () ; d) centro de saúde? () ; e) quando fica doente para onde sedirige _____

V. HIGIENE E SANEAMENTO DO MEIO

1. Donde tira à água ?

a) No poço () ; b) No rio () ; c) Banho () ; d) No pântano () ; e) Quando chove () ; f) Outro local () ;
especifique _____

2. A água que conseguem para que fins se destina ?

a) Beber () ; b) Para cozinhar () ; c) Banho () ; d) Lavagem de roupa () ; e) Lavagem de utensílios domésticos () ; f) Outros fins () ;
especifique _____

3. O que faz à água antes de beber ? a) Ferve () ; b) Não ferve () .

4. Se, ferve, porquê? a) Não apanhar doenças () ; b) Porque à água é suja () ; c) Porque dizem que temos que ferver () ; d) Outros motivos () ;
especifique _____

5. Se não ferve, porque ?

a) Falta de hábito () ; b) Porque é água limpa () ; c) Gasta lenha ou carvão () ; d) Outra razão () ;
especifique _____

VI. TERMINADA A GUERRA

1. Regressa ao local de origem? _____ ; permanece? _____
Porquê? _____

2. Perspectivas para o futuro _____

Actualmente o "bairro" é conhecido oficialmente como **Urbanização**.

Acha que o nome é adequado ao bairro? **A.** sim () ; **B.** não ().

Porquê? _____

Tamanho do terreno /espaço _____

Condições de higiene do local _____

VII. OBSERVAÇÕES

TABELA 1 : PROVENIÊNCIA DOS AGREGADOS

Naturalidade	Nº de agregados
Zambézia	1
Xinavane	1
Tete	1
Pemba	1
Montepuez	1
Chimoio	1
Xai-Xai	2
Quelimane	2
Marracuene	2
Macia	2
Manhiça	5
Maputo	7
Inhambane	7
Manjacaze	9
Chibuto	10
Magude	16

TABELA 2 : Nº DE AGREGADO FAMILIAR

Agregado	Composição do Agregado Familiar
01	01
02	02
03	06
04	04
05	03
06	13
07	11
08	08
09	04
10	02
11	01
12	02
14	01
15	01
19	01

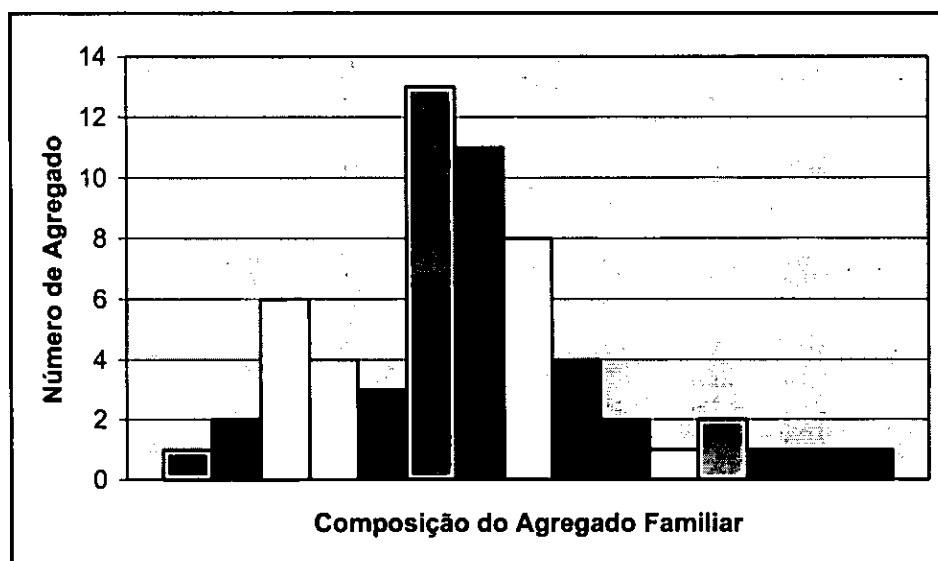


TABELA 3: LOCAL DE PERMANÊNCIA ANTES DA FIXAÇÃO DO BAIRRO MAGUDE

Número de Famílias	Em casa de Familiares	Em casa alugada	Da Zona Rural do (B.M) bairro Magude	Em casas próprias
24	▪			
17		▪		
10			▪	
09				▪

TABELA 4 : OCUPAÇÃO PROFISSIONAL

Número de Ordem	Antes da fixação no bairro Magude	Depois da Fixação no bairro Magude
01	Servente	Servente
02	Agricultor	Vendedor
03	Agricultor	Domestico
04	Agricultor	Domestico
05	Agricultor	Vendedor
06	Balconista	Segurança
07	Membro da P.R.M	Membro da P.R.M
08	Professor	Balconista
09	Padeiro	Servente
10	Estudante	Vendedor

11	Pedreiro	Pedreiro
12	Agricultor	Vendedor
13	Domestica	Vendedor
14	Estudante	Vendedor
15	Domestica	Vendedor
16	Agricultor	Servente
17	Agricultor	Vendedor
18	Curandeiro	Curandeiro
19	Reformado	Guarda
20	Agricultor	Vendedor
21	Marinheiro	Marinheiro
22	Alfaiate	Alfaiate
23	Operário	Operário
24	Doméstica	Doméstica
25	Estudante	Motorista
26	Vendedor	Vendedor
27	Estudante	Vendedor
28	Agricultora	Vendedeira
29	Estudante	Vendedeira
30	Funcionário MINED	Funcionário MINED
31	Doméstica	Doméstica
32	Agricultora	Vendedeira
33	Servente	Doméstica
34	Militar	Vendedor
35	Vendedor	Vendedor
36	Estudante	Operário
37	Vendedeira	Vendedor
38	Doméstica	Doméstica
39	Operário	Doméstica
40	Vendedor	Vendedor
41	Vendedor	Vendedor
42	Agricultor	Vendedor
43	Doméstica	Doméstica
44	Doméstica	Doméstica
45	Guarda	Segurança
46	Vendedor	Vendedor
47	Agricultor	Cozinheira
48	Agricultor	Vendedor
49	Professora	Vendedor
50	Vendedor	Vendedor
51	Doméstica	Doméstica
52	Agricultor	Vendedeira
53	Maquinista	Maquinista
54	Vendedeira	Vendedeira
55	Alfaiate	Alfaiate

56	Agricultora	Doméstica
57	Doméstica	Doméstica
58	estudante	Vendedor
59	Vendedor	Vendedor
60	Vendedor	Vendedor

Tabela 4' - OCUPAÇÃO PROFISSIONAL

Número de Pessoas	Mentiveram a Ocupação	Mudaram a Ocupação	Vendedores	Percentagem (%)
25	*			41,6%
35		*		51,6%
27			*	43,3%

TABELA 5 : IDADE DOS ENTREVISTADOS

IDADE	NÚMERO DE PESSOAS	GRUPO ETÁRIO	PESSOAS POR GRUPO
17	1	Até 20 Anos	4
19	2		
20	1		
21	2	21-25 Anos	4
23	1		
24	1		
28	6	26-30 Anos	14
30	9		
31	5		
32	2	31-35 Anos	11
35	4		
37	3		
38	2	36-40 Anos	15
39	3		
40	3		
42	1	41-45 Anos	6
44	3		
45	2		
46	2	46-50 Anos	5
47	1		
49	1		
50	1		
62	1	+ de 50	1



Foto 1: Pequena parcela onde funciona a Sucata Ramos



Foto 2: Escola Bíblica Assembleia de Deus, construída em 1995



Foto 3: Escola Primária do Bairro Magude

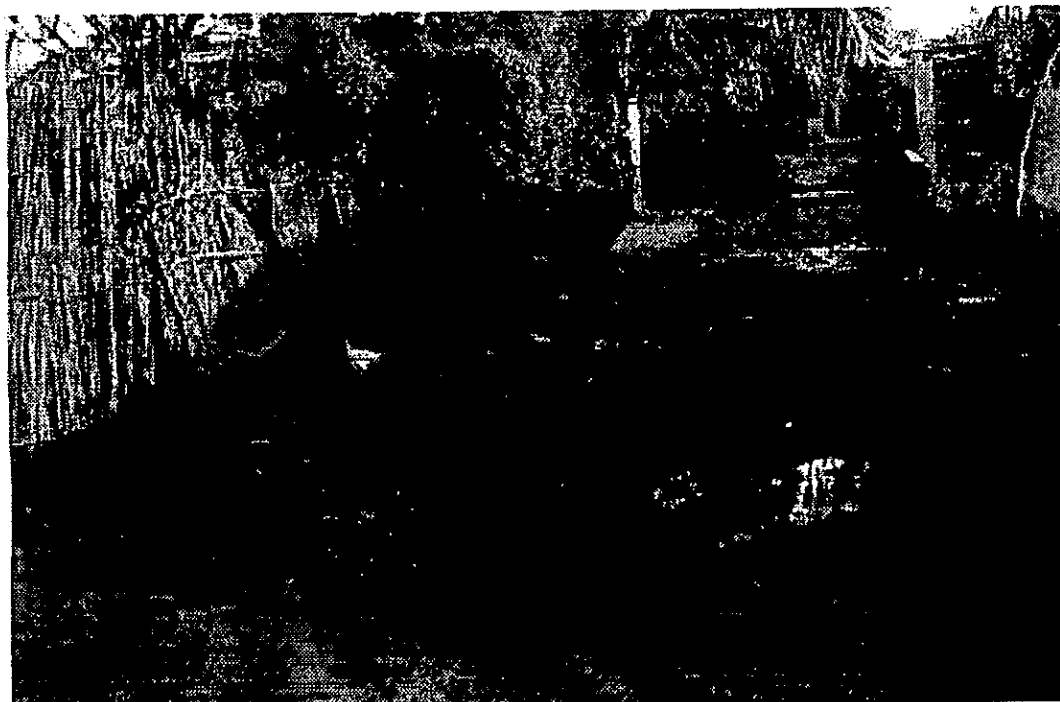


Foto 4: esta fotografia retrata o problema de saneamento do meio



Foto 5: local onde os moradores do bairro depositam o lixo

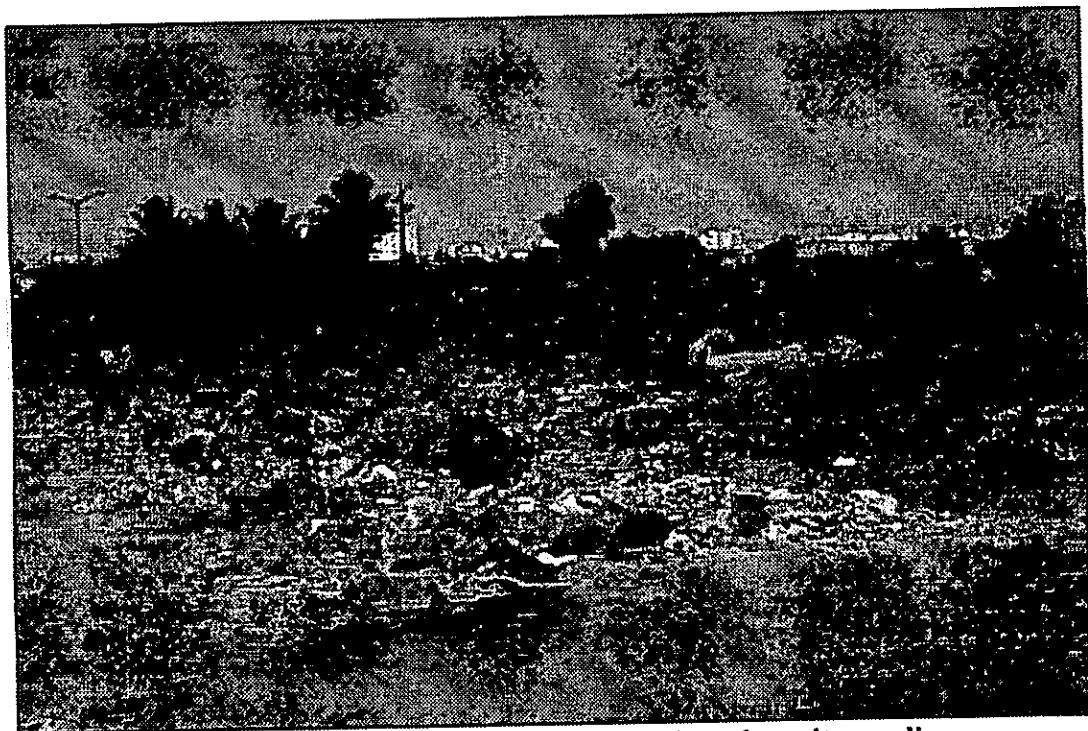


Foto 6: local onde os moradores do bairro depositam o lixo